



UM ARQUITETO BEAUX-ARTS NA MODERNIZAÇÃO DO RECIFE: Giacomo Palumbo e o Cineteatro Moderno

CORTEZ, KARINE MARIA GONÇALVES (1)

1. UFPE, PPG em Desenvolvimento Urbano/Depto de Arquitetura e Urbanismo. Avenida Contabilista Vitor de Melo, 1521, Mossoró-RN karinemgc@gmail.com

MOREIRA, FERNANDO DINIZ (2)

1. UFPE, PPG em Desenvolvimento Urbano/Depto de Arquitetura e Urbanismo. Rua Gal Americano Freire, 562 ap 101, Recife-PE Fernando.diniz.moreira@gmail.com

RESUMO

O italiano Giacomo Palumbo (1891-1966) foi o arquiteto de maior destaque atuando na cidade do Recife durante as décadas de 1920 e 1930. Legitimado por sua formação em Paris, produziu as mais importantes obras públicas e privadas deste período, seguindo um vocabulário clássico e eclético. Apesar da magnitude de sua obra, que se estendeu para outras cidades do Nordeste e para o Rio de Janeiro, existem grandes lacunas e omissões na historiografia da arquitetura sobre sua figura. Como recorte de uma pesquisa mais ampla que procura resgatar sua trajetória e obra no Recife, este artigo buscou analisar sua atuação a partir dos anos 1930, quando a cidade atravessava um processo de modernização com o estabelecimento de profissionais alinhados ao movimento moderno, como Luiz Nunes, e com intensas discussões urbanísticas que levaram à remodelação do centro durante o Estado Novo. Diante deste novo cenário, buscamos mostrar como Palumbo procurou se inserir na nova conjuntura, que também incluiu reviravoltas políticas, por meio da gradativa atualização de sua linguagem com a introdução de elementos do *Art Déco* ou protoracionalismo, como pode ser visto na remodelação do Cineteatro Moderno no Recife, efetuada entre 1932 e 1933.

Palavras-chave: Giacomo Palumbo; Recife; Art Déco; Modernização; Cineteatro Moderno



UM ARQUITETO BEAUX-ARTS NA MODERNIZAÇÃO DO RECIFE:

Giacomo Palumbo e o Cineteatro Moderno (1932-1935)

INTRODUÇÃO

Chegado no Brasil em 1917, o arquiteto greco-italiano Giacomo Palumbo (1891-1966) atuou na cidade do Recife durante as décadas de 1920 e 1930, tornando-se o principal protagonista de arquitetura por meio de muitas obras públicas e privadas. Nestas obras, que incluem o Grande Hotel do Recife, a Faculdade de Medicina do Recife, o Hotel Central e o Hospital Centenário, além de diversos palacetes que adornavam as áreas de expansão da cidade, ele seguia os ensinamentos herdados de sua formação clássica como arquiteto em Paris, mas buscando atender aos anseios de seus clientes e às funções dos edifícios, o que o fazia adicionar a esta tradição elementos do ecletismo e do neocolonial.

Entretanto, sua sorte começaria a mudar com o início da década de 1930, quando uma série de transformações de cunho modernizante iriam desestabilizar sua posição: O rearranjo político local provocado pela Revolução de 1930 levou ao declínio político de alguns dos seus principais clientes, como a família Pessoa de Queiroz e o grupo do governador deposto, Estácio Coimbra; a chegada de profissionais alinhados à arquitetura moderna, como Luiz Nunes, convidado pelo interventor do Estado de Carlos de Lima Cavalcanti (1930-1937); a chegada da arquitetura dita *art déco*; e, ao surgimento de um rico debate urbanístico sobre a remodelação do centro. A partir do início dos anos 1930, suas encomendas públicas foram drasticamente reduzidas, talvez pelo fato de seu estilo não estar mais sintonizado com a visão do regime de Vargas e de ser visto como representante do velho regime político.

Essa situação talvez tenha contribuído para sua transferência para o Rio de Janeiro, cidade natal de sua esposa, no final da década de 1930, mas antes disso o arquiteto buscou se adaptar aos novos tempos políticos e às correntes modernizantes. Seguindo a crença de que a sólida formação parisiense na *École Spéciale d'Architecture*¹ capacitava os arquitetos ali formados a lidar com diferentes programas, estilos e funções, Palumbo buscou se inserir neste debate, adaptando-se às novas circunstâncias e atualizando sua linguagem com a introdução de elementos do *Art Déco* ou protoracionalismo.

Parte de uma pesquisa mais ampla que visa contribuir para preencher lacunas na historiografia sobre sua obra e trajetória, este artigo busca mostrar como Palumbo enfrentou esta realidade por meio do estudo da remodelação do Cineteatro Moderno no Recife, fruto de uma encomenda privada e efetuada entre 1932 e

¹ Nesta pesquisa descobrimos que Giacomo Palumbo não estudou na *École des Beaux-Arts*, como era geralmente aceito e repetido pela historiografia, mas na *École Spéciale d'Architecture*. Apesar deste fato, resolvemos manter o termo *Arquiteto Beaux-Arts* por que ambas as escolas compartilhavam uma série de princípios em comum, que se materializaram na sua arquitetura aqui no Brasil. O uso do termo um *Arquiteto Clássico* não daria conta desta especificidade da sua arquitetura e da sua recepção no Recife.



1933. O estudo é pautado na pesquisa documental e bibliográfica, priorizando diversas fontes de pesquisa, incluindo a documentação do projeto existente no Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano, os periódicos e jornais diários da época, com o apoio de fontes secundárias.

Este trabalho se divide em três partes. A primeira apresenta o arquiteto e oferece uma visão de conjunto de sua obra nos anos 1920. A segunda e busca apresentar a conjunção de novos fatores políticos e culturais de cunho modernizante, que alteraram o cenário para o arquiteto. Por fim, a última parte propõe um olhar mais aprofundando sobre o Cineteatro Moderno, umas de suas principais obra da década de 1930 no Recife.

O ARQUITETO GIACOMO PALUMBO

Devemos a João Maurício Miranda (1981) a primeira tentativa biográfica de Palumbo, indicando a sua chegada à cidade do Recife em 1918. Geraldo Gomes da Silva (1987) apresentou as características estilísticas do Palácio da Justiça, da residência Costa Azevedo e da Faculdade de Medicina, apontando para a versatilidade do arquiteto em lidar com elementos estilísticos distintos. Guilah Naslavsky (1998) apontou a relação profissional entre Heitor Maia Filho e Giacomo Palumbo, atribuindo o rigor clássico das composições e diretrizes dos traçados planimétricos utilizados por Maia aos ensinamentos de seu mestre Palumbo, e acrescentou no rol de obras, o Grupo Escolar Cleto Campello, em Gravatá-PE (1933-1934). Já George Dantas afirmou que o Plano Geral de Sistematização de Natal, concebido em 1929 por Palumbo, foi de grande importância para o crescimento futuro daquela cidade. Apesar de escassas, as poucas informações sobre Palumbo permitem entrever que ele esteve à frente dos grandes projetos públicos da cidade do Recife e de algumas outras cidades da região, como Natal.

As poucas informações que temos sobre a trajetória de Giacomo Palumbo foram coletadas em entrevistas à sua filha única, Yvette, e ao seu neto, Hélio Eichbauer, realizadas entre 1981 e 2008². Por meio delas, ficamos sabendo que Giacomo Palumbo nasceu na Ilha de Corfu, na Grécia, em 1891, de pais italianos, Gabrielle e Giulia Palumbo. Seu pai era engenheiro e participou como engenheiro da equipe de Ferdinand Marie de Lesseps, responsável pela construção do Canal de Suez. Os entrevistados afirmaram que Palumbo estudou na *École de Beaux-Arts*, em Paris, França, concluindo o curso em 1910, contudo, ele assinava os seus projetos com a sigla E.S.A. Essa informação nos levou aos documentos existentes na *École Spéciale d'Architecture*, confirmando seu ingresso nesta instituição parisiense em 1908 e sua saída em 1911, sem recebimento de diploma. Diante das grandes dificuldades encontradas na Europa em virtude da Primeira Grande Guerra, resolveu migrar para a América do Sul em busca de trabalho e de uma nova vida, provavelmente com seu

² João Miranda, em 1981, coletou as primeiras informações bibliográficas em entrevista a Yvette e Hélio, filha e neto, respectivamente, de Giacomo Palumbo (MIRANDA, 1981). Em 2000, George Dantas realizou nova entrevista, com ambos os familiares (DANTAS, 2003; 2006), e por fim, em 2008, apenas na presença do neto de Palumbo, há uma entrevista por Luiz Henrique da Silva Sá (SÁ, 2008).



irmão, o engenheiro Victor Palumbo, desembarcando no Rio de Janeiro em 1917, e chegando ao Recife em 1919³.

Ao longo de sua permanência na cidade do Recife, Palumbo estabeleceu diversas parcerias. Com o pintor alemão Heinrich Moser desenvolveu os vitrais na Residência Costa Azevedo e no Palácio da Justiça. Fez projetos em parceria com Heitor Maia Filho e Hugo Azevedo Marques, arquitetos licenciados atuando no Recife, e com Francisco Lopes de Assis e Silva, arquiteto responsável pela remodelação do Palácio do Governo de Pernambuco em 1920, com escritório técnico tanto no Recife quanto no Rio de Janeiro⁴.

Assim, fica claro que a relação que Palumbo estabeleceu com os principais arquitetos (ainda não diplomados) da época, ora considerados discípulos, ora parceiros para trabalhos pontuais, evidencia a rápida ascensão e a grande proeminência dele no meio profissional local. O fato de ter estudado em Paris (mesmo não sendo na *École des Beaux-Arts*, mas na *École Spéciale d'Architecture* e mesmo assim não tendo terminado formalmente o curso) certamente qualificou-o para exercer com competência no Brasil não apenas as atividades de projeto e construção, mas também de ensino, como professor catedrático da Escola de Belas-Artes de Pernambuco, da qual foi um dos fundadores.

Pouco tempo após seu estabelecimento, ele passou a obter as principais encomendas de novos edifícios na cidade do Recife, particularmente os edifícios públicos, não só na gestão estadual de Sérgio Loreto (1922-1926), como na seguinte, de Estácio Coimbra (1926-1930). Ao longo de sua atuação na cidade, aproximou-se da elite econômica de Pernambuco, entre eles usineiros, comerciantes, empresários, que passaram a contratá-lo para projetar suas residências e empreendimentos, já que era o “único arquiteto” aqui presente, segundo o eminente jornalista Aníbal Fernandes:

Numa terra em que se comettem diariamente os mais horríveis attentados à beleza, ao bom gosto e à própria dignidade da vida, em matéria de architectura, numa terra em que o architecto não existe, porque só consegue vencer o mestre de obra presumido e inconsciente, v. teve essa grande audácia, verdadeiramente inédita: mandar construir a sua habitação pelo único architecto que aqui existe. [...] Isso que v. está fazendo, meu amigo, e constitue neste pacato meio provinciano, um verdadeiro escândalo, fazem-no com applauso de todas as pessoas de gosto (DIARIO DE PERNAMBUCO, set 1922, s.p.d.).

Em 1921, Palumbo já havia elaborado uma proposta não executada para o Parque Treze de Maio e para o Parque Interno do Palácio do Governo. Na sequência foi contratado pelo Governo Sérgio Loreto para realizar

³ As entrevistas apontam a chegada ao Recife em 1918, mas seu neto afirma que ele de fato se estabeleceu na cidade em 1919. Apesar da divergência de informações, é certo que ele casou com Heloisa Meneses de Pádua em 24 de junho de 1919 no Rio e que a única filha deles, Yvette Palumbo nasceu no Recife em 21 de março de 1920.

⁴ Segundo Naslavsky (1998), ele manteve sociedade com Heitor Maia Filho. No *Diário da Manhã*, apareceu especificamente a sociedade “Palumbo e Assis” no projeto vencedor da concorrência para construção da Ponte Duarte Coelho em 1939, quando ele já estava no Rio de Janeiro, o que nos leva a acreditar que “Assis” esteja relacionado ao arquiteto Francisco Lopes de Assis e Silva pelo projeto realizado, em mesma época, para o palácio do Governador. Os periódicos mostram que ele desenvolveu com Hugo Marques uma proposta para a nova sede social do Sport Club do Recife em 1940.



o projeto do Palácio da Justiça (1924-1930) e o Grande Hotel do Recife (1924-1938), e o Hotel Central (1928) por encomenda particular. À medida que a cidade se expandia com os melhoramentos públicos, o aparecimento de equipamentos de lazer e cultura, Palumbo também era requisitado a projetar seguindo os anseios e desejos dos novos modos de morar, socializar e trabalhar. Nos subúrbios, Palumbo projetou o Hospital do Centenário (1922-1925), a reforma do Asilo Bom Pastor (1922- 1924), a Faculdade de Medicina (1925-1927), além de projetos para várias residências à elite pernambucana, entre elas a residência Othon Bezerra de Melo (1922), Annita Cherques (1927) e a Costa Azevedo (1934).



Figura 1. Obras no Centro: Hotel Central, Grande Hotel do Recife e Palácio da Justiça

Fonte: Diário da Manhã, 1927; Arquivo Público do Estado de Pernambuco; Luciano Ferreira/Prefeitura da Cidade do Recife (2013)

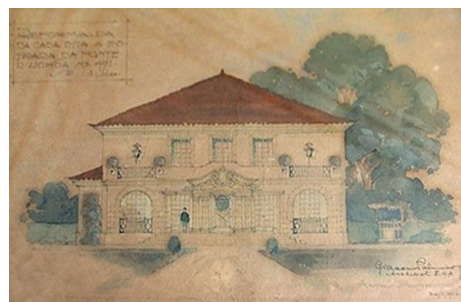


Figura 2. Obras nos Subúrbios: Residências Costa Azevedo, Othon Bezerra de Melo e Hospital do Centenário.

Fonte: Floriano Melchades s/d; Barreto (2016); Jornal Pequeno (1923)

Além das encomendas públicas e projetos particulares, Palumbo foi responsável por outros projetos e trabalhos, desde decoração de eventos à atuação como perito de sinistros do Estado. Também atuou em João Pessoa, Natal e no Rio de Janeiro, onde conquistou e expandiu seu círculo de relacionamentos, colaborando também com alguns projetos, como na ampliação do Colégio Santo Inácio (MIRANDA, 1981), no plano de urbanização para uma área no Recreio dos Bandeirantes (MENEZES; REINAUX, 1997) e no projeto do edifício Netuno⁵, na Avenida Atlântica em Copacabana.

O RECIFE NA DÉCADA DE 1930: UM PANORAMA MODERNIZANTE

⁵ Revista Arquitetura e Urbanismo, novembro/dezembro de 1936.



Conforme apontado anteriormente, Giacomo Palumbo já havia alcançado grande prestígio como arquiteto perante a sociedade recifense, com sua arquitetura que tinha como referência a cultura arquitetônica europeia clássica e eclética. A partir de 1930, entretanto, assistimos a uma série de eventos de cunho modernizante no cenário político, urbanístico, artístico e arquitetônico que iriam desestabilizar sua posição.

Com as reviravoltas políticas e a crescente urbanização e industrialização, o gosto pelas construções de cunho historicistas e residências ecléticas foram aos poucos suplantados, enquanto as imagens da arquitetura moderna, dos arranha-céus, e das grandes avenidas passaram a ganhar destaque como os novos símbolos do progresso. Neste contexto, é possível afirmar que esses novos condicionantes tenham levado ao declínio do prestígio que Giacomo Palumbo tinha como arquiteto nos meios locais.

A revolução de 1930 vai provocar fortes rearranjos na política pernambucana, com a queda do governador Estácio Coimbra, e a ascensão de Carlos de Lima Cavalcanti ao governo do Estado, o qual governará entre 1930 e 1937. Lima Cavalcanti era fundador dos jornais Diário da Manhã e Diário da Tarde, que já faziam ataques à gestão de Coimbra e que passaram a ser porta-vozes das ações administrativas do novo governo (AQUINO, 2011, p.59-61). Com sua nomeação, diversas famílias opositoras à Vargas foram perseguidas, entre elas a família Pessoa de Queiroz, que teve seus palacetes, bens e objetos destruídos e incendiados. Membros de algumas dessas famílias, incluindo Estácio Coimbra, se refugiaram na Europa⁶.

Talvez devido à sua ligação aos Pessoa de Queiroz e à Coimbra, Palumbo também deixou a cidade. As notícias de embarques e desembarques em navios na imprensa local mostram que Palumbo ficou na Europa entre maio de 1930 a abril de 1931⁷. George Dantas (2006, p.201) atribui o termo exílio para esse momento, com estabelecimento na cidade de Paris. Em 1931, quando retorna ao Recife, suas demandas haviam sido drasticamente reduzidas prevalecendo ainda em que menor escala os projetos privados. A chegada de Luiz Nunes na cidade em 1934 sinalizou a adoção pelo poder público da arquitetura moderna, que demarcou o alijamento de Palumbo, que desde 1930 não conseguiu mais encomendas públicas.

Neste momento, o Recife passou a sediar uma ampla discussão sobre urbanismo, tendo como objeto a remodelação do bairro de Santo Antônio, centro administrativo e comercial da cidade, embasada em teorias

⁶ Uma de suas primeiras medidas, foi a implementação de sindicância para investigar a corrupção política no estado. De forma prática, o governo pernambucano perseguiu e prendeu opositores, expulsou do quadro técnico os que eram contrários ao novo regime, buscou apoio popular dos sindicatos, de modo a transmitir a imagem de que o governo atual buscava uma ruptura com a política anterior.

⁷ Embarque no Recife no dia 17 de maio de 1930 (navio Zeelandia) ao lado de sua esposa Heloisa e Yvette Palumbo com destino a Lisboa. Desembarque no Recife em 08 de abril de 1931 (navio Bagé). Vida Social – Viajantes. **Diário da manhã**, ano IV, nº 1206, 1931.



e experiências urbanísticas europeias e norte-americanas que, de fato, já vinham sendo discutidas desde meados da década de 1920⁸.

Entre os planos de maior destaque estão o de Nestor de Figueiredo (1932) e o de Atílio Corrêa Lima (1935). Figueiredo propôs o encontro em Y de duas largas avenidas diretamente na Praça Independência, ponto focal do bairro, agora transformada em uma larga esplanada, criando um conjunto imponente e cênico, com grupos monumentais de edifícios e praças, que revelam a influência do plano Agache para o Rio, no qual havia trabalhado. Já Atílio Corrêa Lima propôs um plano era mais econômico e modesto promovendo poucos alargamentos de ruas, a redução a convergência excessiva do sistema de bondes nas áreas centrais do bairro, e descentralização do tráfego, criando linhas de bonde circular (OUTTES, 1991, p.151-152).



Figura 3. Plano de Nestor de Figueiredo – Perspectiva (1932) e Plano de Atílio Corrêa Lima (1935)
Fonte: Revista Arquitetura e Urbanismo, 1940; Revista Urbanismo e Viação, 1940

Estas propostas animavam um rico debate de ideias urbanísticas que atraiu a atenção de urbanistas de todo o país, mas que foi interrompido com a promulgação do Estado Novo, que provocou um novo rearranjo das elites locais. Lima Cavalcanti, cujo prestígio junto à Vargas vinha se encolhendo, caiu imediatamente com o golpe, e em seu lugar Vargas designou Agamenon Magalhães como o novo governador, que, por sua vez, nomeou Antônio Novaes Filho (1937-1945) como o novo prefeito de Recife, fato que teve repercussões importantes na remodelação do bairro. Em dezembro de 1937, o novo prefeito estabeleceu uma nova comissão, que avaliou o que já tinha sido feito até aquele momento, com enfoque maior nas demolições, e propôs uma solução. A nova comissão decidiu resgatar o plano de Figueiredo, reduzindo a proposta a uma única avenida e a massa de edifícios imponentes em seu alinhamento. A construção de uma avenida central, a futura Avenida 10 de Novembro com altos edifícios oferecia uma imagem clara de uma cidade moderna e do pensamento urbanístico e arquitetônico vigente (MOREIRA, 2016, p. 301).

⁸ Entre os principais planos elaborados entre 1926 e 1943, estão os de Domingos Ferreira (1926-1927), pela da Comissão Clube de Engenharia (1930), Nestor de Figueiredo (1932), Atílio Corrêa Lima (1935) da Comissão do Plano da Cidade (1938) e de Ulhôa Cintra (1943), cujos conteúdos foram trabalhados por Pontual (1995, 2001), Outtes (1991) e Moreira (1999,2016).



Figura 4. Vista Panorâmica da Avenida Guararapes, década de 1950.

Fonte: Museu da Cidade do Recife

Os edifícios da Avenida Guararapes foram construídos entre 1939 e 1949 para serem os mais altos e modernos na cidade. Utilizaram das técnicas mais modernas que havia na época e definiram o padrão estético da década de 1940 no Recife. Concebidos de maneira a estar em concordância uns com outros, observa-se a continuidade das cornijas e linhas horizontais, as mesmas alturas, as galerias no térreo e um escalonamento dos andares superiores, de forma muito similar às Avenidas Presidente Vargas no Rio de Janeiro e à Borges de Medeiros em Porto Alegre, tornando-se uma expressão da remodelação dos centros na era varguista.

Entre os profissionais responsáveis pelos projetos desses edifícios, estão Heitor Maia Filho e Hugo Marques, ambos parceiros de Palumbo⁹. Ainda que não tenha sido identificado a participação de Palumbo nestes edifícios nem na discussão urbanística dos anos 1930, não podemos deixar de supor que ele também era responsável pela circulação de ideias¹⁰, especialmente sabendo de sua contribuição para o desenvolvimento do Plano de Remodelação da Cidade de Natal, a partir de 1929 (DANTAS, 2003) e do projeto para a Ponte Duarte Coelho (1938-1940), que fazia a ligação da nova avenida Guararapes com o bairro da Boa Vista.

Embora o regime varguista não tenha tido, nos seus anos iniciais, uma clara proposta de uma imagem arquitetônica para a construções de prédios públicos, utilizando diversos estilos, como o Neocolonial e o Missões, o *art déco*¹¹ firmou-se gradativamente como a estética adequada à fisionomia da máquina estatal ao longo da década de 1930. Ora visto como um ecletismo tardio, ou um estágio inicial da linguagem

⁹ O início da construção dos primeiros edifícios na Avenida Guararapes coincide com a saída definitiva de Palumbo do Recife. Não foram achados indícios de sua participação no projeto dos edifícios de seus ex-parceiros, Maia Filho e Marques.

¹⁰ A disciplina do Urbanismo surge na ESA a partir de 1932, mas já em 1865 o tópico urbanismo aparece dentro da disciplina de Legislação da Construção relacionado aos Serviços de Utilidade Pública. A disciplina de higienismo ofertada pela ESA a partir de 1900, também pode ser analisada como um conjunto de doutrinas já relacionadas ao planejamento urbano. Segundo Seitz (1995) a disciplina consistia em uma educação bem estruturada, original e pioneira na formação de arquitetos. Em 1968 é criada a disciplina do Urbanismo e Planejamento na ESA. In *École Spéciale d'Architecture* (n.24, 1968); CARRASCO (2018, p.111).

¹¹ O termo originou-se na *Exposition Internationale des Arts Decoratives et Industrielles Modernes de Paris* em 1925, mas consolidou-se na historiografia em meados dos anos 1960 (DUNCAN, 1988)



moderna, sendo chamado protomoderno ou protorracionalismo¹², achamos mais adequada a classificação de Hugo Segawa que considera o *art déco* como uma “modernidade pragmática”, uma legítima expressão arquitetônica da modernidade brasileira entre as décadas de 1930 e 1940, tendo convivido com o final da produção eclética e com o surgimento da linguagem moderna. Buscando unir referências das vanguardas artísticas, das tradições acadêmicas *Beaux-Arts* e do racionalismo moderno, o *art déco* tirou partido da simplificação e geometrização dos elementos decorativos, das marquises, balcões em balanço, platibandas e volutas de formas esquemáticas (MARGENAT, 2000, p.14, CORREIA, 2008, p.14). O Recife iria assistir, desde o começo da década de 1930, a construção de diversos exemplares desta arquitetura, sendo um deles o Cineteatro Moderno.

Com a consolidação da arquitetura moderna na década de 1940 o *art déco* perdeu espaço e ficou fora de moda. O Recife teve um papel pioneiro com a experiência a Diretoria de Arquitetura e Construções (DAC), posteriormente Diretoria de Arquitetura e Urbanismo (DAU), chefiada por Luiz Nunes entre 1934 e 1937. Com o máximo de economia possível e buscando atender carências da população no âmbito da saúde e do ensino, os edifícios seguiam princípios *corbusianos*, muitas vezes baseados em um volume prismático sobre pilotis com utilização de pano de cobogós e *brise-soleil* para controle da insolação (MARQUES, NASLAVSKY, 2011)¹³.

Outra novidade do início da década de 1930, foi a criação da Escola de Belas Artes de Pernambuco (EBAP) em 1932. Embora a cidade já possuísse algumas faculdades, a ausência de uma instituição para o ensino das artes fez com que um grupo arquitetos, engenheiros e artistas, entres eles o próprio Giacomo Palumbo, se juntassem para criar um curso superior de arquitetura, pintura e escultura a fim de suprir esta carência.

Palumbo aparece como professor catedrático nos relatórios e nas reportagens de revistas locais¹⁴. Muitos profissionais estrangeiros eram enquadrados na categoria de catedráticos por não possuírem diploma reconhecido pelo Departamento Nacional de Educação (DNE), podendo assim, a qualquer tempo, serem substituídos das funções por determinação do conselho da escola (TORRES, 2015, p.110). Segundo Marques (1983, p.150), a escola não tinha apoio de nenhuma entidade mantenedora, nem conseguia cobrar matrículas ou mensalidade, dependendo apenas de subvenções governamentais. A escola praticamente vivia de doações, de maneira que nos primeiros anos, os professores trabalhavam sem salários. Era comum aos

¹² O termo foi usado por Luís Paulo Conde em artigos publicados nos anos 1980 e por Guilah Naslavsky em 1998.

¹³ Dentre os projetos realizados sob a chefia do arquiteto Luís Nunes estavam a Escola de Anormais, 1934, a Usina Higienizadora de Leite, 1934, e o Hospital da Brigada Militar, 1934, entre outros (RIBEIRO, 2019, p.596).

¹⁴ No Livro Nº 110 Relatório para Inspeção Federal dos Anos de 1938, diz que “de acordo com o regulamento primitivo, eram professores catedráticos os professores fundadores e aqueles que viessem a ser classificados em primeiro lugar em concurso público. Até o período estudado, eram catedráticos, especialistas nas disciplinas em que atuavam e fundadores da EBAP os seguintes professores:” (...) Heitor da Silva Maia Filho; George Munier; Jaime Oliveira; Nelson Novares; Luiz Mateus Ferreira; Abelardo de Albuquerque Gama; Giacomo Palumbo; (...). (TORRES, 2015).



docentes uma dupla jornada, alguns mais privilegiados como engenheiros e bacharéis, quando acumulavam algum exercício liberal ou emprego público remunerado conciliavam com a docência.

Em virtude desse cenário, até o reconhecimento federal da Escola (novembro de 1945), era frequente o abandono de muitos profissionais/docentes, assim como de seus alunos. Para Palumbo, ainda que fundador da Escola, conciliar essa situação deveria ser algo muito difícil, em função da falta de encomendas públicas, como também, pelas dificuldades aos arquitetos estrangeiros geradas pelo decreto-lei 23.569 de 11 de dezembro de 1933, que regulamentava a profissão do arquiteto

O decreto estabelecia que aqueles formados no exterior em escolas ou institutos técnicos, cujo diploma tivesse sido revalidado de acordo com a legislação federal do ensino superior até aquela data, poderiam exercer a profissão de arquiteto no país¹⁵. Embora o decreto tenha trazido inegáveis benefícios aos profissionais da arquitetura, muitos arquitetos estrangeiros tiveram dificuldades para terem seus registros definitivos. Segundo Silva (2012) muitos arquitetos estrangeiros levaram anos para obter esse registro, a exemplo de Lucjan Korngold, Daniele Calabi e Franz Heep. Como provavelmente Palumbo não finalizou o seu curso de arquitetura no exterior, não encontramos documentação sobre a revalidação ou registro no Brasil, o que tudo leva a crer que ele passou a ter dificuldades para atuar, dependendo de parceiros licenciados. Outro agravante para atuação de Palumbo na cidade, foi que além da legislação profissional, a Constituição Federal de 1937 impôs novos desafios aos arquitetos estrangeiros no país, limitando o direito dos estrangeiros a exercer atividades profissionais apenas aos que possuíam visto permanente concedido, conforme os limites definidos para estrangeiros da mesma nacionalidade no país.

Assim, a década de 1930 trouxe inúmeras novidades de cunho modernizante com grandes impactos para a prática profissional e para a consolidação da arquitetura moderna, mas acarretou inúmeras dificuldades para o pleno exercício profissional de Palumbo. Apesar destes impasses e dificuldades, ele procurou se inserir neste debate, adaptando-se às novas circunstâncias e atualizando sua linguagem com a introdução de elementos do *Art Déco* ou pratoracionalismo, como o edifício do Cineteatro Moderno.

O CINETEATRO MODERNO

Como já visto, a cidade do Recife experimentou diversas manifestações ligadas ao modernismo, com a vida urbana tornando-se mais ativa e agitada, com novas formas de sociabilização. Entre estas, a mais marcante foi, sem dúvida, o cinema, que influenciava a sensibilidade e o modo de vida da população, ditando modas e comportamentos. A cidade sediou em um dos polos mais importantes de cinema no Brasil, o Ciclo do Recife, ativo entre 1923 e 1931. As primeiras exibições no início do século XX aconteciam em teatros, circos, festas

¹⁵ Decreto-Federal n. 23.569 de 11 de dezembro de 1933. Confea. Disponível em: <<http://normativos.confea.org.br/downloads/23569-33.pdf>> Acesso em: 07 jan. 2021.



de largo e cafés, aos poucos salas especializadas foram surgindo, adequada à exibição dos filmes, atendendo a requisitos de visibilidade, acústica e conforto. A cidade já tinha o Pathé, o primeiro, inaugurado em 1909, e o Royal, na Rua Nova, o Moderno (na Praça Joaquim Nabuco), o Politheama (na Boa Vista) e o Ideal (no bairro de São José), além do Cineteatro do Parque.

Um dos melhores representantes desse tipo edifício foi, sem dúvida, o Cineteatro Moderno. Inaugurado em 1913 como teatro, no bairro de Santo Antônio, na esquina da Praça Joaquim Nabuco com a Rua Frei Caneca, o Moderno viveu o esplendor da efervescência cultural e social promovida na cidade no início do século XX, sendo adaptado dois anos depois de sua inauguração, em 1915, para receber o cinema. Em sua primeira versão como teatro, o edifício possuía os traços da composição clássica, com um frontão marcado por frisos e cornijas que fazem referências ao *Art Nouveau*. Ele chegou a funcionar também como cassino¹⁶.

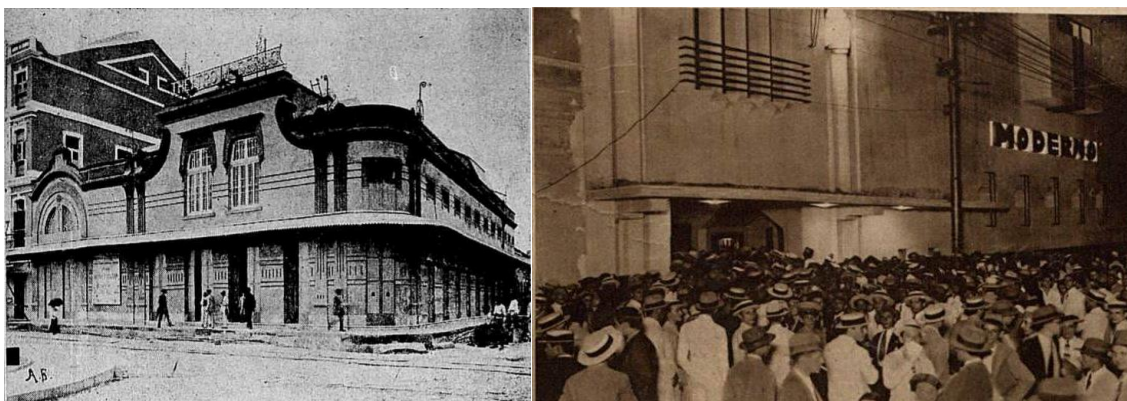


Figura 5. Cineteatro moderno, década de 1910 e década de 1930
Fonte: Museu da Cidade do Recife e Arquivo Público do Estado de Pernambuco

Em 1932, Palumbo foi contratado na gestão da firma Marques, Fernandes e Cia para adequar o Cineteatro em um moderno cinema. Essa passagem definitiva de teatro para o cinema, sem dúvida, fez com que Palumbo buscasse uma linguagem arquitetônica que refletisse o caráter de um cinema, tanto para a composição das fachadas, quanto para os elementos do programa. O *art déco* já em voga, anunciava as iniciativas modernizantes, sendo exibido em edifícios que representavam as necessidades da vida moderna. Esse é o primeiro projeto no qual Palumbo não utiliza a linguagem eclética ou clássica. Foi justamente neste momento que elementos *art déco* passaram a ser introduzidos em edifícios para o cinema, estando presentes nos balcões e marquises, na geometrização e simplificação dos componentes decorativos, na ênfase dada ao volume da cabine nas fachadas.

¹⁶ THEATRO MODERNO, Diário da Manhã, janeiro de 1932.



Nos periódicos da época, a remodelação do Teatro Moderno era anunciada como iniciativa de que o Recife tivesse “uma casa de diversão à altura do progresso”. A remodelação era vista como necessária e de grande prestígio para a cidade, no entanto, pela tônica dada nos periódicos, havia alguns que discordavam desse posicionamento, associando a obra apenas a uma reforma de fachada:

[...] já não se trata de um projeto, simplesmente, mas de uma vigorosa e tenaz iniciativa que marcha vitoriosamente para belíssima realidade. Quem passa, hoje, pela Praça Joaquim Nabuco, que é um dos pontos mais movimentados da cidade, está ao par do trabalho maravilhoso que se realiza, para dotar o Recife com um cinema que será, senão o maior, falando de certo ponto de vista, pelo menos o mais luxuoso e capaz de oferecer um atestado eloquente do grão de adiantamento que a capital pernambucana atingiu nestes últimos dez anos. [...] A arrojada iniciativa de reconstrução do moderno é, pois, uma necessidade e não uma obra de fachada, como se supõe, e malevolamente se quer fazer acreditar (DIÁRIO DA MANHÃ, 16 de abril 1933, s.p.d).

Assim como em outros projetos, sua capacidade técnica e artística foi um determinante para a escolha de Palumbo, assim como mencionado no periódico: “Um trabalho de Palumbo é uma recomendação. Artista no verdadeiro sentido da palavra, conhecendo seu *métier* todos os detalhes, Palumbo idealizou, para o grande cinema pernambucano, uma verdade obra técnica moderna”¹⁷. Palumbo explorou o concreto armado para criar uma composição símbolo do progresso e elegância:

O *Theatro* Moderno será completamente reconstruído, adaptando-se às condições de progresso da cidade [...] terá teto de cimento armado, além das remodelações internas que constarão de cinco camarotes de luxo, uma plateia superior construída a concreto, iluminação moderna, aumento de lotação e fachada completamente nova[...]. (DIÁRIO DA MANHÃ, Janeiro de 1932, s.p.d).

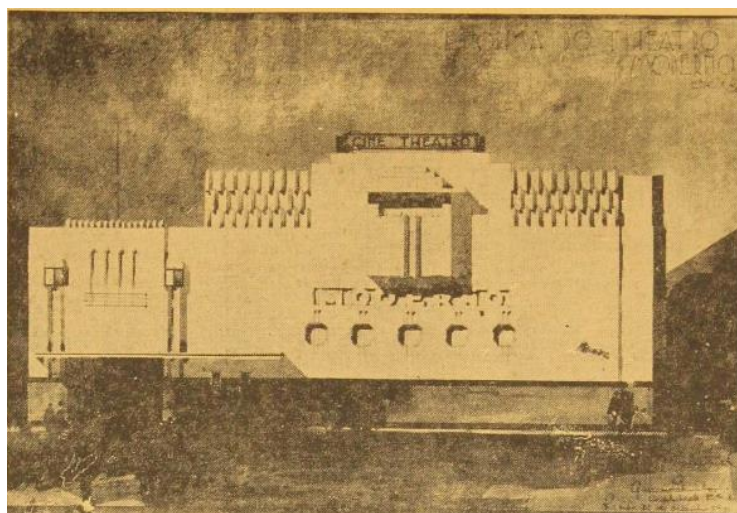


Figura 6. Fachada do Cineteatro Moderno, no canto direito assinatura do arquiteto Giacomo Palumbo

Fonte: Diário da Manhã, janeiro de 1932

¹⁷ A PRÓXIMA REABERTURA...Diário da Manhã, 16 de abril 1933.



A partir do estudo de projetos anteriores de Palumbo, especialmente o Hotel Central de 1928, sabemos que as novas técnicas construtivas já eram conhecidas por Palumbo, mas agora ele parecia permitir que a técnica do concreto se manifestasse mais livremente, explorando sua dimensão estética e, adequando-se assim, aos desejos da época. Ele tirou partido da expressão do material na composição formal da fachada, como pode-se perceber nas esquinas arredondadas cujo dinamismo parecer ser mais acentuado graças aos frisos do térreo, talvez uma tentativa de fazer algo similar ao que tinha feito Eric Mendelsohn no Cinema Universum em 1928 em Berlim.



Figura 7. Cineteatro após a reforma de Palumbo

Fonte: Diário da Manhã, junho de 1932 e Arquivo Público do Estado de Pernambuco

Pode-se identificar a composição clássica, no respeito a simetria e valorização do eixo do edifício na fachada frontal. A cabine de projeção destaca-se no alto, conferindo maior dinamismo ao volume e anunciando a função do edifício¹⁸. Acima, em ferro, e abaixo, incrustado na alvenaria, da cabine estão os letreiros com grafia *art déco*. Em cada lado da cabine estão grandes rasgos horizontais interrompidos por montantes verticais. Cinco janelas circulares (óculos) e no térreo as linhas de frisos já mencionadas. Na fachada lateral, para Rua Frei Caneca, as aberturas são simples, simétricas e seguem um mesmo espaçamento ao longo de todo plano. Destaca-se ainda na lateral e na entrada do edifício o uso de marquises no passeio, de modo a conferir uma certa proteção ao pedestre, na compra do bilhete, mas Palumbo não estende a marquise a todo o plano da edificação, garantindo que o acesso ganhe maior destaque. Além da marquise em concreto, alguns gradis são propostos criando uma atmosfera compositiva.

A entrada principal, antes era realizada pela parte frontal, na proposta de Palumbo foi deslocada para a lateral esquerda, com chegada a um *hall* de espera. O fechamento das portas frontais, provavelmente tiveram por prerrogativa garantir melhor acústica e um fluxo adequado ao cinema. Já o acesso para o balcão,

¹⁸ Interessante notar, que alguns anos depois, em 1937, Rino Levi criou solução semelhante para seu projeto do Cine Art Palácio, localizado a duas quadras do Moderno, já no conjunto da Avenida Guararapes.



construído em concreto, dava-se por uma escada lateral localizada no hall de espera. Infelizmente, não foi possível localizar as plantas da reforma realizada por Palumbo, mas a partir da planta de reforma de 1953, que se concentrou no exterior da edificação com poucas alterações internas, pode-se observar o funcionamento do espaço e os elementos que podem ter feito parte da proposta de Palumbo.

Quanto ao sistema de ventilação e iluminação, o edifício parecia sofrer de calor excessivo “O Moderno era, o que todo o Recife conhecia: uma espécie de forno aos incautos...assistir uma sessão de cinema [...] constituía um verdadeiro suplício chinês”. A fim de resolver essa questão, Palumbo propôs na parte posterior um volume ainda mais alto para circulação do ar e aberturas superiores na lateral do edifício.



Figura 8. Corte do Cineteatro Moderno e Planta baixa do mezanino (balcão) de 1953

Fonte: Acervo da Prefeitura da Cidade do Recife

Na parte interna, é possível identificar elementos decorativos aludindo a arte marajoara nas pinturas das paredes e nos elementos decorativos, tais como cortinas, além de uso de molduras e frisos que poderiam ter função de minimizar os ruídos internos.

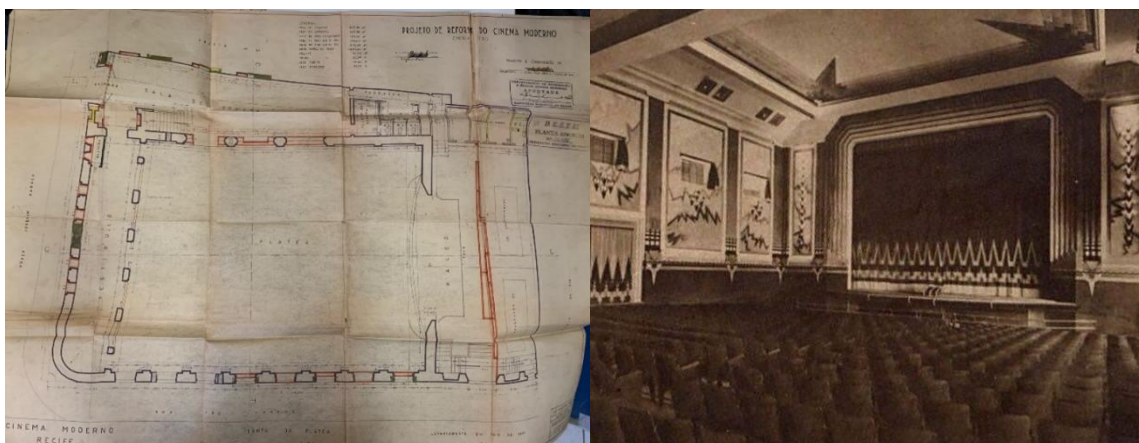


Figura 9. Planta Baixa do Térreo de 1953 e Fotografia interna da área de Plateia após a reforma de Palumbo.

Fonte: Acervo da Prefeitura do Recife e Arquivo Público do Estado de Pernambuco

Em 1933 foi reinaugurado o Cineteatro Moderno, podendo acolher 1200 pessoas, sendo 760 na plateia, 400 no balcão e 40 pessoas nas galerias laterais. A construtora Jorge Martins ficou responsável pela obra, a



decoreção ficou a cargo do pintor Wilson Carvalho e as poltronas foram encomendadas a uma fábrica do Rio Grande do Sul responsável pela confecção na época de mobiliários de luxo, outros mobiliários pela empresa Laubistsch & Hirtle, do Rio de Janeiro¹⁹.



Figura 10. Interior antes da reforma de Palumbo e após a Reforma de Palumbo

Fonte: *Revista P'ra Você*, n. 18, 1930 e n. 30, 1933 - FUNDAJ

No projeto de 1953, é possível observar uma nova reforma, já com o fechamento das aberturas superiores, retirada dos óculos, abertura de nova porta no eixo central da fachada para Praça Joaquim Nabuco e ampliação da marquise em todo plano da fachada. Provavelmente os fechamentos das aberturas tenham sido realizados para promover condições térmicas adequadas a sala de cinema com a possível introdução de sistema de ar-condicionado. Outras mudanças foram notadas, em especial com a introdução dos elementos publicitários as várias partes da fachada do edifício.

De um modo geral, o Cineteatro Moderno antecipava a linguagem da Av. 10 de Novembro, futura Guararapes, que só iria ter os seus primeiros edifícios construídos a partir de 1938. No decorrer dos anos, com a chegada das novas salas de cinemas nos shoppings center e as novas relações da sociedade com o espaço urbano, os cinemas de bairros foram gradativamente fechando, assim aconteceu com o Moderno, em 1996. Hoje funcionando como uma loja do comércio varejista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o novo rearranjo político local proporcionado pela Revolução de 1930 e a chegada de novas tendências arquitetônicas inclinadas ao modernismo, as encomendas públicas de projetos feitas a Palumbo, foram drasticamente reduzidas. Além disso, o enfraquecimento dos grupos políticos e econômicos locais que lhe davam apoio e a nova legislação profissional colocaram empecilhos ao seu exercício profissional. Entretanto,

¹⁹ REABRIU,...Diário da Manhã, 7 de junho de 1932.



ao longo da década de 1930 Palumbo investiu suas energias na modernização de sua linguagem arquitetônica, tirando partido da expressão do concreto armado, eliminando e simplificando ornamentos rebuscados ou restringindo-os a poucos elementos e adotando elementos como frisos de contorno do edifício, balcões e marquises curvos e outros elementos que associados com o que convençamos chamar de *Art Déco*.

Ele buscou uma mediação entre o legado clássico e as novas demandas da vida moderna, sugerindo que existiria uma arquitetura perene que deveria ser adaptada a diferentes momentos e circunstâncias, e que o arquiteto de formação clássica seria capaz lidar com a complexidade da vida moderna. Mesmo aliado das grandes discussões urbanísticas e das novas iniciativas arquitetônicas modernas, Palumbo conseguiu participar com obras de cunho modernizante. Sua obra dos anos 1930 mostra também que o processo de consolidação da arquitetura moderna nesta década é muito complexo, contando com várias correntes buscando se legitimar frente aos setores públicos e privados.

REFERÊNCIAS

A PRÓXIMA...**Diário da Manhã**, Recife, 16 abr. 1932.

CARRASCO, Daniel Matus. Diplômes et diplômés en urbanisme: Paris 1919-1969. **Architecture, aménagement de l'espace. Université de Nanterre** - Paris X, 2018. França. Disponível em <https://tel.archives-ouvertes.fr/tel-02165940/document>.

CONDE, Luiz Paulo Conde & ALMADA, Mauro. Panorama do art déco na arquitetura e no urbanismo do Rio de Janeiro. In: CZAJKOWSKI, Jorge (org.). **Guia da arquitetura art déco no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, [1996] 2000.

CORREIA, Telma de Barros. Art déco e indústria, Brasil décadas de 1930 e 1940. **Anais do Museu Paulista**, v.16, n.2, p.47-104, 2008.

DANTAS, George Alexandre Ferreira. **Linhas convulsas e tortuosas retificações**: transformações urbanas em Natal nos anos 1920. Dissertação (Mestrado em Tecnologia do Ambiente Construído) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, 2003.

DUNCAN, Alastair. **Art Deco**. London: Thames & Hudson, 1988.

ÉCOLE SPÉCIALE D'ARCHITECTURE. **Établissement d'enseignement supérieur décrété d'utilité publique en 1870 reconnu par l'état (décret du 9 janvier 1934)**, Paris, n.24, janeiro de 1968. Acessado em [brochure_ESA_1968.pdf](#).

MARGENAT, Juan P. **Arquitetura art deco en Montevideo (1925-1950)**. Montevideo: Mercur, 2000.

MARQUES, Sônia. **Maestro sem orquestra, um estudo da ideologia do arquiteto no Brasil 1820-1950**. (Dissertação de Mestrado) – PIMES, Universidade Federal de Pernambuco, 1983.

MARQUES, Sonia; NASLAVSKY, Guilah. Eu vi o modernismo nascer... foi no Recife. **Arquitextos**, ano 11, n.131.02, p.1-17. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.131/3826>>. Acesso em: 19 set. 2017. 2011.



MENEZES, José Luiz Mota; REINAUX, Marcílio. **Palácio da Justiça**. 2. ed. rev. e ampl. Recife: Gráfica e Editora Liceu, 1997.

MIRANDA, João Maurício Fernandes. **380 anos de história fotográfica da cidade de Natal 1599-1979**. Natal: Prefeitura Municipal de Natal, 1981.

MOREIRA, Fernando Diniz. A aventura do urbanismo moderno no Recife. LEME, Maria Cristina (org.) **Urbanismo no Brasil 1895-1965**, São Paulo: Nobel; Edusp, 1999

MOREIRA, Fernando Diniz. Alfred Agache: um arquiteto Beaux-Arts na cidade moderna **Designio**, 7/8, set, 2007

MOREIRA, Fernando Diniz. A Transformação do Bairro de Santo Antônio no Recife (1938-1949). **Anais do XIV Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**. São Carlos: IAUUSP, 2016.

NASLAVSKY, Guilah. **Modernidade arquitetônica no recife**: Modernização da Arquitetura no Segundo Quartel do Século XX. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo, 1998.

OUTTES, Joel. **O Recife pregado à cruz das grandes avenidas**: contribuição à história do urbanismo (1927-1945). Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano), Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1991.

PONTUAL, Virginia. **Uma cidade e dois prefeitos**: Narrativas do Recife das décadas de 1930 a 1950. Recife: Ed da UFPE, 2001.

O *THEATRO* Moderno...**Diário da manhã**, Recife, jan. 1932.

REABRIU...**Diário da Manhã**, 7 jun. 1932.

RIBEIRO, Cecília. Luiz Nunes e o projeto de instituições de saúde em Pernambuco. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.26, n.2, abr.-jun. 2019, p.593-620

SILVA, Geraldo Gomes da. Arquitetura eclética em Pernambuco. In: Fabris, Annateresa (org.). **Eclétismo na Arquitetura Brasileira**. São Paulo: Nobel, Edusp, 1987.

SILVA, Joana Mello de Carvalho e. **O arquiteto e a produção da cidade**: a experiência de Jacques Pilon. São Paulo: Annablume, 2012.

TORRES, Niedja F. Santos. **O ensino do desenho na escola de belas artes de Pernambuco (1932 a 1946)**. (Dissertação de Mestrado) – Artes Visuais, Universidade Federal de Pernambuco, 2015.

VIDA Social – Viajantes. **Diário da manhã**, ano IV, nº 1206, 1931.